

## **A IMAGEM DOS IDOSOS JUNTO AOS JOVENS DE CACHOEIRA: UM LEVANTAMENTO NO COLÉGIO ESTADUAL EDVALDO BRANDÃO**

### **1. Vanessa Cunha Boaventura; 2. Marina da Cruz Silva**

<sup>1</sup>Bolsista PIBIC, Graduanda de Bacharelado em Serviço Social, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), email [vcboaventuraa@hotmail.com](mailto:vcboaventuraa@hotmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora, Colegiado de Serviço Social, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), email [marinacruz@hotmail.com](mailto:marinacruz@hotmail.com)

### **PALAVRAS-CHAVE: Velhice, Imagem, Juventude**

## **INTRODUÇÃO**

Por compreender a velhice como uma categoria social e culturalmente construída, este estudo objetivou conhecer as percepções da velhice e a imagem do velho junto à juventude da cidade de Cachoeira, especificamente do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. Estudos na área têm demonstrado uma imagem quase que exclusivamente negativa do envelhecimento e da velhice, tendo em vista que a sociedade produz o modelo de homem “ideal”, da qual, segundo o antropólogo Daniel Lins (2002), “depende também a imagem da velhice”.

Parte dos estudos que envolvem pessoas idosas intencionam verificar o comportamento da sociedade através das atitudes, opiniões e percepções relacionadas ao envelhecimento, uma vez que “[...] o velho aparece aos indivíduos ativos como uma 'espécie estranha', na qual eles não se reconhecem” (BEAUVOIR, 1990, p. 266).

Isso posto, a presente pesquisa contribuiu para fomentar dados no que tange à imagem que os jovens têm da velhice, como a encaram e a percebem. Uma das principais contribuições da pesquisa foi revelar que a juventude reconhece os pontos positivos e negativos da velhice, relevando, assim o que poderíamos denominar de imagem ambígua.

De acordo com Debert (1996, p.7) “as novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro [...], são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais as etapas mais avançadas da vida são tratadas”. Portanto, essa pesquisa foi de grande relevância, uma vez que reflete os aspectos pela qual tem se dado o contato entre as gerações e como isso impacta na percepção dos jovens sobre a velhice.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada na cidade de Cachoeira – BA, no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, junto aos jovens do ensino médio. A metodologia utilizada foi fruto de leituras e fichamentos, os quais propiciaram um aprofundamento teórico, baseado na literatura existente. Da mesma forma, realizou-se pesquisa de campo, que é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta (LAKATOS; MARCONI, 1991, p; 186), com aplicação de um questionário, com perguntas abertas e fechadas. Explicou-se aos sujeitos da pesquisa os objetivos do trabalho, foram respeitados os preceitos éticos, preservado o anonimato e assinado o termo de livre consentimento.

Em suma, realizou-se uma pesquisa de cunho quantitativo, tendo sido aplicados 60 questionários, com todos os estudantes frequentantes do ensino médio, dos turnos matutino e vespertino. Cabe destacar que, devido à greve dos professores da rede estadual, o número de

estudantes foi reduzido, havendo uma grande evasão escolar, de acordo com informações da direção. Para a análise dos dados coletados, utilizou-se de técnicas quantitativas, com o auxílio do programa SPSS Statistics, sendo posteriormente, feita a análise propriamente dita das respostas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O envelhecimento populacional, de acordo com Wachelke et.al (2008, p.107), é um fenômeno mundial. Em outros termos, significa um crescimento superior da população idosa com relação aos demais grupos etários.

Sabe-se que em cada período da vida, há determinados papéis sociais que são definidos por normas de comportamento, sendo influenciados por diferentes implicações de valor. Segundo Fernandes e Duarte (2009, p.120) em nossa sociedade, há uma tendência à marginalização das pessoas idosas, resultado de condicionamentos socioculturais, onde a supervalorização da juventude é evidenciada em detrimento de tudo o que é considerado velho. Os jovens brasileiros tornam-se, assim, vulneráveis à absorção de estereótipos negativos relacionados aos idosos e à velhice.

Ao todo foram aplicados 60 questionários com jovens com idade entre 16 e 21 anos. Destes, 61,67% do sexo feminino e 38,33% do sexo masculino. Das mulheres: 18,33% têm 17 anos; 16,67% 18 anos e 13,33% 16 anos de idade. 35% delas se auto-declararam pretas, 23,34% pardas e 3,33% amarelas. Dos homens: 13,33% têm 18 anos, 6,67% 19 e 5% 20 anos. Do universo masculino, 18,33% do total auto-declararam-se pretos, 18,33% pardos e 1,67% amarelos. 76,67% afirmaram que são naturais de Cachoeira, 6,67% de São Félix e 6,67% de Salvador.

Ao serem questionados se tinham idosos na família: 83,33% dos estudantes responderam afirmativamente, sendo que quase a metade dos estudantes possui pelo menos 2 idosos na família. 36% dos entrevistados possui uma avó e um avô, 20% só uma avó e 16% afirmaram que as duas avós estão vivas. Dos que têm contato com avó/avô, todos afirmaram que se encontram, pelo menos, duas vezes no mês com os mesmos. Ressalte-se que uma boa parte mora na mesma casa dos avós, correspondendo a um total de 88,89% dos estudantes entrevistados, o que revela uma grande aproximação e convivência. Dentre as atividades mais frequentes que os jovens costumam realizar com seus avós foram apontadas as seguintes: conversar e sair com os avós e ajudar nas atividades domésticas. Do total de entrevistados, mais da metade (53,33%) têm contato também com outros idosos, que não seus avós. Com esses idosos, afirmaram que costumam conversar, assistir TV e passear.

Ao serem questionados qual a imagem que têm da própria velhice no futuro, os entrevistados fizeram as seguintes afirmações: “pele enrugada, sem dentes, com dores no corpo, cansaço físico e ainda com seios caídos, carecas, chatos”. Além disso, sobretudo as estudantes afirmaram que se percebem: bem humorada, calma, saudável, cuidando dos netos, realizada. Ao solicitar que descrevessem como veem uma pessoa velha, foram coletadas as seguintes informações: “uma pessoa com o rosto enrugado e com dificuldades para várias coisas”; “uma pessoa que não precisa mais trabalhar”, “aposentado”. Ainda foram acrescentadas características como “cabelo grisalho, com problemas de saúde, experiente, sábia, uma pessoa especial” etc. Observa-se que não há muita diferença entre a forma como percebem a própria velhice e a velhice do outro, havendo, assim, uma clara evidência do processo de construção social no que se refere à autoimagem e imagem da velhice.

Solicitou-se também que os estudantes indicassem se há coisas boas na velhice. Do total, a grande maioria, isto é, 85% responderam que sim. Dentre as principais características

citadas, destacam-se o fato dos velhos não trabalharem mais e receberem por isso (aposentadoria), a grande experiência acumulada ao longo da vida, a prioridade nas filas dos supermercados, bancos, lotéricas etc.; podem descansar, dentre outros fatores. Os demais que responderam que não há aspectos positivos na velhice, justificaram suas respostas, afirmando a existência da dependência dos velhos, maus tratos por parte da família e/ou de outras pessoas.

No que se refere a existência ou não de aspectos negativos da velhice, 83,33% dos estudantes afirmaram que há sim aspectos negativos. Citaram como justificativa a falta de respeito aos mais velhos, a falta de atenção, as doenças que acometem os idosos, as dificuldades para executar as atividades diárias, as discriminações e preconceitos. Os que responderam que não há aspectos negativos na velhice, alegaram que o tempo livre, a atenção das pessoas para com os velhos, o fato dos idosos não terem preocupações, dentre outros fazem dessa fase da vida um momento mais positivo que negativo.

Faz-se mister observar que perdura uma imagem tanto positiva quanto negativa da velhice, visto que praticamente o mesmo percentual de entrevistados apontou aspectos negativos e positivos da velhice, reconhecendo tantos os limites e possibilidades dessa fase da vida.

Questionados sobre se desejam envelhecer: 66,67% afirmaram que sim e 33,33% que não. Dentre os que responderam que sim, abordaram que não vão ficar jovens para sempre e que preferem antes envelhecer a morrer jovem. Os que responderam que não desejam envelhecer, justificaram que as pessoas não valorizam e nem respeitam os mais velhos. Além disso, quando se é jovem, se aproveita e se “curte” mais a vida, os velhos serem mais rejeitados, maltratados e violentados pelos outros. Ao serem perguntados se há medos típicos da velhice, 83,33% afirmaram que sim e 15% que não, dentre os medos foram destacados os seguintes: o medo da morte, das doenças, da dependência, do abandono, dos maus tratos etc.

Questionados como definiriam a velhice, boa parte dos estudantes, respondeu que ser velho é “ser experiente e sábio”, “uma pessoa com “cacetinho”, cabelo branco e muito chata”; “ser velho é um pouco ruim, porque a pessoa não pode mais fazer as coisas que fazia quando eram jovem”, “é ter cabelos brancos, sentir dores no corpo e ter verrugas no rosto”; “é uma fase importante, os jovens têm muito que aprender com os velhos, com as experiências e conhecimentos que os velhos têm pra passar”, dentre outros fatores.

Em suma, a velhice está associada às perdas e mudanças e assim começam a surgir novos conceitos de velho e uma nova forma de encarar o envelhecimento. Essa contraposição entre perdas e ganhos, segundo Wachelke et al. (2008) é um critério de segmentação e faz com que as pessoas adotem posicionamentos mais específicos a seus grupos. Os mesmos autores (2008, p.114) ainda elencam que quando se observa os contrastes entre os grupos geracionais, “observa-se um maior contraste entre os participantes mais jovens e mais velhos [...] É um contraste entre um envelhecimento altamente estereotipado e uma realidade próxima”.

Verificou-se ainda, em consonância com Lazaeta (1994, apud Silva; Günther, 2000, p.32) que: “*durante o envelhecimento, os principais fatores de influência da sociedade sobre o indivíduo são a resposta social ao declínio biológico, o afastamento do trabalho, a mudança da identidade social, a desvalorização social da velhice e a falta de definição sociocultural de atividades em que o idoso possa perceber-se útil e alcançar reconhecimento social.*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi de grande relevância, uma vez que refletiu os aspectos centrais em que ocorre o contato entre as gerações de jovens e velhos e como isso impacta na percepção dos jovens sobre a velhice. Com a aplicação dos questionários, foi possível verificar como os estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão veem o idoso de forma paradoxal, reconhecendo nessa fase da vida tanto aspectos positivos como negativos. Esses dados estão em consonância com pesquisas mais recentes que tratam da imagem da velhice no Brasil, tendo sido ultrapassada aquela imagem totalmente negativa da velhice, sendo reconhecida pelos jovens também pontos positivos no ato de envelhecer. Os dados coletados revelam a importância em se desenvolver um futuro projeto de extensão com idosos e jovens de Cachoeira, buscando resgatar e fortalecer os laços entre essas duas gerações.

## REFERÊNCIAS

- BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão Antropológica do envelhecimento. Tratado de Geriatria e Gerontologia/ Elizabeth Viana de Freitas, et al. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 78-82.
- CALDAS, Célia Pereira; Thomaz, Andrea Fernandes. A Velhice no Olhar do Outro: *Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho*. Revista Kairós Gerontologia 13(2), ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 75-89.
- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: *uma contribuição demográfica*. Texto para discussão nº 858. IPEA. Rio de Janeiro, janeiro de 2002.
- DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin. (Org.). *Antropologia e velhice*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 7-27. (Textos Didáticos).
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: *uma análise das condições de vida da população brasileira 2010*. Estudos & Pesquisas, informação Demográfica e Socioeconômica 27. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed.rev.e ampl. São Paulo: Atlas, 1991, p.186.
- NERI, Anita Liberalesso (org). Idosos no Brasil: *vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288p.
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade,... Em MML Barros (org.) *Velhice ou 3ª idade?* Estudos Antropológicos sobre a identidade, memória e política. P. 69-84. Rio de Janeiro: FG.
- RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. In: Revista *Ágora*, Vitória, n.4, 2006, p.1-29.
- WACHELE, João Fernando Rech et. al. Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: *dados coletados via internet*. In: Estudos de Psicologia, 2008, p.107-116. Disponível em: <http://www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 20 de janeiro de 2011.